

Para o coração, a vida é simples: bate enquanto pode. Depois pára. Um dia, mais cedo ou mais tarde, este movimento propulsor cessa e o sangue começa a fluir até ao ponto mais baixo do corpo onde se acumula numa pequena poça, visível do exterior como uma mancha escura e suave numa pele cada vez mais pálida, e isto enquanto a temperatura desce, os membros enrijecem e os intestinos se esvaziam. Estas alterações das primeiras horas ocorrem de modo tão lento e inexorável que têm em si algo de ritual, como se a vida capitulasse segundo determinadas regras, uma espécie de *gentlemen's agreement* que os representantes da morte também respeitam, já que esperam que a vida se retire para iniciarem a invasão da nova paisagem. Torna-se então um fenómeno irreversível. Nada pode já deter as enormes hordas de bactérias que começam a espalhar-se pelo interior do corpo. Se o tivessem tentado apenas algumas horas antes, teriam deparado com uma resistência feroz, mas agora tudo em volta está calmo, e elas avançam cada vez mais na humidade e escuridão. Chegam aos canais de Havers, às criptas de Lieberkühn, aos ilhéus de Langerhans. Continuam até à cápsula de Bowman nos rins, à coluna de Clark na medula espinal, à substância negra do mesencéfalo. E chegam ao coração. Este continua intacto mas já não goza do movimento a que toda a sua construção é dedicada, parece um cenário estranho e desolador, como uma fábrica que os trabalhadores foram obrigados a abandonar à pressa, os veículos parados iluminando de amarelo a escuridão da floresta, os armazéns vazios, os vagões carregados sobre os trilhos, estendendo-se em fila ao longo da encosta da colina.

No momento em que a vida deixa o corpo, este pertence à esfera da morte. Lâmpadas, malas, tapetes, maçanetas, janelas. Campos, pântanos, ribeiros, montanhas, nuvens, o céu. Nada disto nos é estranho. Estamos constantemente rodeados de objectos e fenómenos do mundo dos mortos.

E, no entanto, poucas coisas nos provocam maior desconforto do que ver um ser humano nessas condições, pelo menos se tivermos em conta quanto nos esforçamos por manter os corpos mortos longe da nossa vista. Nos grandes hospitais eles não são apenas escondidos em quartos privados e inacessíveis; até os caminhos para lá chegar são dissimulados, com os seus próprios elevadores e corredores, e, se entrássemos por acaso num lugar desses, os cadáveres estariam sempre cobertos por lençóis. Ao serem transportados do hospital, são-no a partir de uma saída discreta, em carros com vidros fumados; nas igrejas são velados numa sala sem janelas; durante o funeral repousam em caixões fechados, até serem enterrados numa cova ou cremados num forno. É difícil encontrar um objectivo prático que justifique tudo isto. Os cadáveres poderiam, por exemplo, ser transportados destapados pelos corredores do hospital, e dali seguirem em carros normais, sem que isso representasse um risco para ninguém. O homem idoso que morre durante uma sessão de cinema pode muito bem permanecer sentado até ao fim do filme e, já agora, durante a sessão seguinte também. O professor que tem um enfarte no recreio da escola não tem necessariamente de ser removido a toda a pressa, não faz mal deixá-lo onde está até que o contínuo tenha tempo para cuidar dele, mesmo que isso só aconteça bastante tempo depois. Se um pássaro pousasse sobre ele e lhe desse uma bicada, faria alguma diferença? Aquilo que o aguarda na sepultura será melhor só porque não o conseguimos ver? Desde que os corpos não estejam no meio da rua a impedir a passagem, não há motivo para pressas, pois não podem morrer segunda vez. Isto vale principalmente para os dias de frio intenso no Inverno. Sem-abrigo que morrem congelados em bancos ou à entrada dos prédios, suicidas que saltam de pontes e de edifícios altos, senhoras idosas que caem pelas escadas, vítimas de acidentes de viação encarceradas nos destroços dos seus carros, o jovem que, um pouco embriagado, cai na água depois de uma noitada na cidade, a menina que acaba debaixo da roda de um autocarro — porquê toda esta pressa em ocultá-los? Decência? Não seria mais decente permitir que os pais da menina a vissem uma ou duas horas mais tarde, deitada na neve no local do acidente, com a cabeça esmagada, o cabelo manchado de sangue e o casaco imaculado? À vista de todos, sem segredos. Mas até uma hora na neve é impensável. Uma cidade que não mantenha os seus mortos longe do olhar, uma cidade onde possam ser vistos jazendo nas ruas e vielas, em jardins e parques de estacionamento, não é uma cidade, mas um inferno. O facto de este inferno reflectir a nossa experiência de vida de um modo mais realista e essencialmente mais verdadeiro não importa. Sabemos que é assim que as coisas são,

mas não queremos enfrentá-las. Daí o acto colectivo de repressão simbolizado pelo ocultamento dos nossos mortos.

E, no entanto, não é fácil dizer o que é exactamente reprimido. Não pode ser a própria morte, uma vez que a sua presença na sociedade é demasiado visível. O número de mortos mencionado todos os dias nos jornais ou exibido nas notícias televisivas varia um pouco conforme as circunstâncias, mas a média anual tende a ser mais ou menos constante, e, como se trata de um assunto divulgado por tantos meios de comunicação, é quase impossível de ignorar. *Esse* tipo de morte, no entanto, não parece constituir uma ameaça. Pelo contrário, é algo que queremos e que pagamos alegremente para ver. Se acrescentarmos a enorme quantidade de mortos que a ficção produz, torna-se ainda mais difícil de entender o sistema que mantém os mortos longe do nosso olhar. Se o fenómeno da morte não nos assusta, porquê este desconforto perante um cadáver? Ou isto significa que há dois tipos de morte, ou que há uma contradição entre o nosso conceito de morte e a morte como ela realmente é, o que na verdade se resume ao mesmo: o que importa neste contexto é que o nosso conceito de morte está tão enraizado na nossa consciência que não só ficamos abalados quando verificamos que a realidade se afasta dele, como também tentamos ocultar isso de todas as formas ao nosso alcance. Não enquanto resultado de uma vontade consciente, como acontece com as cerimónias fúnebres, cuja forma e significado no nosso tempo são negociáveis, tendo por isso passado da esfera irracional à racional, da colectiva à individual... o modo como nos desfazemos dos mortos nunca foi objecto de discussão, foi algo que sempre fizemos, com base numa necessidade que ninguém consegue explicar mas que toda a gente conhece: se o teu pai falecer no jardim num ventoso domingo de Outono, vais carregá-lo para dentro de casa; se não for possível, pelo menos vais cobri-lo com uma manta. Mas este impulso não é o único que temos em relação aos mortos. Não menos evidente do que o impulso de ocultarmos os corpos é o facto de os colocarmos sempre ao nível do solo o mais rapidamente possível. É quase inconcebível um hospital que transporte os seus mortos para cima, que coloque as suas salas de autópsia e de cadáveres nos andares mais altos. Os mortos são colocados o mais perto possível do solo. E aplica-se o mesmo princípio a quem cuida deles; uma companhia de seguros poderia muito bem ter as suas instalações no oitavo andar, mas não uma funerária. Todas as funerárias funcionam tão perto do nível da rua quanto possível. Não é fácil explicar porque as coisas são assim; poderíamos cair na tentação de acreditar que isso se baseou numa antiga convenção

que inicialmente tinha uma finalidade prática, como o facto de a cave ser fria e, portanto, mais adequada para conservar os corpos, e que este princípio durou até à nossa época de refrigeradores e câmaras frigoríficas, não fosse a ideia de transportar corpos por edifícios acima *antintatural*, como se altura e morte fossem mutuamente incompatíveis. Como se tivéssemos algum tipo de instinto ctónico, algo bem dentro de nós que nos instiga a levar os nossos mortos para a terra de onde viemos.

Pode então parecer que a morte se distribui por dois sistemas diferentes. Um está relacionado com a ocultação e a discrição, a terra e a escuridão, e o outro com a transparência e a leveza, o éter e a luz. Um pai e o seu filho são abatidos quando o pai tenta salvar a criança da linha de fogo numa cidade algures no Médio Oriente, e a imagem dos dois abraçados enquanto as balas penetram a carne, fazendo tombar os corpos, é captada pelas câmaras, transmitida para um dos milhares de satélites que circulam em órbita da Terra e difundida para televisões do mundo inteiro, entrando na nossa consciência como mais uma imagem da morte ou de moribundos. Estas imagens não têm peso, profundidade, tempo nem lugar, e também não têm qualquer ligação com os corpos que as originaram. Estão em toda a parte e em parte alguma. A maioria delas limita-se a passar por nós e a desaparecer; por razões insondáveis, algumas permanecendo vivas nos recantos obscuros do nosso cérebro. Uma esquiadora cai e corta uma artéria da coxa, o sangue jorra deixando um rasto vermelho na neve; ela morre ainda antes de o seu corpo parar. Um avião descola, chamas saem dos motores ao ganhar altura, o céu acima das casas suburbanas é azul, o avião explode numa bola de fogo. Certa noite, um barco de pesca afunda-se ao largo da costa norte da Noruega, a tripulação de sete homens afoga-se, na manhã seguinte o acontecimento aparece em todos os jornais e é considerado um mistério, o mar estava calmo e não foi enviada qualquer mensagem de socorro do barco, simplesmente desapareceu, um facto que as estações televisivas demonstraram nessa noite, sobrevoando de helicóptero o local do naufrágio e mostrando imagens do mar deserto. O céu está nublado, a água cinza-esverdeada está calma, como se possuísse um temperamento diferente das ondas que rebentam aqui e acolá, com o branco da espuma a espalhar-se pela superfície. Estou sozinho enquanto assisto a isto, deve ser Primavera, porque o meu pai está a trabalhar no jardim. Olho para a superfície do mar, sem ouvir aquilo que diz o jornalista, *e de repente surge o contorno de um rosto*. Não sei quanto tempo fica ali, talvez alguns segundos, mas o suficiente para me causar uma enorme impressão.

No instante em que o rosto desaparece, levanto-me para contar a alguém o que vi. A minha mãe está a trabalhar no turno da noite, o meu irmão está a jogar futebol e as outras crianças da vizinhança não me vão dar ouvidos, de maneira que resta apenas o meu pai, então desço as escadas a correr, salto para dentro dos sapatos, enfio os braços pelas mangas do casaco, abro a porta e saio disparado. Não podemos correr no jardim, por isso, antes que ele me consiga ver, reduzo a velocidade e começo a caminhar. Ele está nas traseiras da casa, num sítio que virá a ser uma horta, batendo num amontoado de pedras com uma marreta. Embora o buraco tenha apenas alguns metros de profundidade, a terra preta que ele escavou e a densa arborização de sorveiras que cresce atrás da cerca ao fundo fazem com que o crepúsculo se acentue. Quando ele se endireita e se vira para mim, tem o rosto quase todo envolto em escuridão.

No entanto, isso é mais do que suficiente para saber qual o seu estado de espírito. Este torna-se óbvio não só pela sua expressão facial, mas também pela sua postura corporal, e é algo que se compreende, não pela razão, mas pela intuição.

O meu pai pouisa a marreta e tira as luvas.

— O que é que se passa? — diz ele.

— Acabei de ver na televisão uma cara no mar — digo, parando no relvado diante dele. O vizinho cortou um pinheiro ao início da tarde e o ar está impregnado de um forte cheiro a resina dos toros empilhados no outro lado do muro de pedra.

— Um mergulhador? — pergunta o meu pai. Ele sabe que me interesse por mergulhadores, e não é capaz de imaginar que me interesse por outras coisas a ponto de sair de casa para lhe contar.

Abano a cabeça.

— Não era uma pessoa. Foi uma imagem que vi no mar.

— Uma imagem que viste no mar? — pergunta, tirando o maço de cigarros do bolso da camisa.

Confirmo com a cabeça e dou meia-volta para me ir embora.

— Espera um minuto — pede.

Acende um fósforo e inclina a cabeça para acender o cigarro. A chama forma uma pequena gruta de luz na obscuridade cinzenta.

— Muito bem — diz.

Depois de dar uma grande fumaça, pouisa um pé numa pedra e olha para a floresta do outro lado da estrada. Ou talvez para o céu acima das árvores.

— Foi Jesus que viste? — pergunta, fitando-me. Se não fosse pela voz amável e a longa pausa antes da pergunta, teria achado que estava